

AVENÇA

# A REGENERAÇÃO

Este jornal foi visado pela  
Comissão de Censura

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro  
Composição, impressão e Redacção na  
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:  
Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo  
Administração: Tipografia Figueiroense  
FIGUEIRO DOS VINHOS

## Sabemos o que queremos e para onde vamos

**N**O dia 28 de Abril passado, a Nação cumpriu um dever de gratidão para com o seu Chefe, agradecendo-lhe os sacrifícios pessoais que votou ao bem comum desde a sua entrada para o Governo, e a sábia direcção que imprimiu à vida particular e pública e às nossas relações com os outros povos.

Tudo na manifestação foi maravilhoso, obrigando-nos a agradecer à Providência ter-nos dado um chefe digno dos destinos da Pátria. E não foi só em Lisboa que isto aconteceu; por todo o País as manifestações tomaram a forma de consagração da pessoa e obra de Salazar. A Nação Portuguesa unida como um só homem disse ao Chefe do Governo e de todos os portugueses que confiava incondicionalmente e sem limites na sua acção e assegurou-lhe também que podia contar com os portugueses que farão o que ele quiser e só o que ele quiser. Em qualquer emergência a Nação escolherá e seguirá aquele caminho que Salazar indicar.

Isto disse o povo português por meio dos seus representantes. As afirmações feitas por um operário e por um jovem da M. P. exprimiram o sentir e o querer de Portugal.

Salazar respondeu à Nação agradecendo a confiança nele depositada. Disse que na união de todos, na indestrutível unidade nacional, e no valor dos princípios informadores da nossa vida material e moral e na consciência desse valor, deve repouzar a nossa maior confiança nos destinos de Portugal.

Afirmou que não devem os portugueses pensar mais na guerra do que na paz. É necessário que pelo pensamento e pela acção, mostremos que somos elementos construtivos, pois, seja qual for a sorte das batalhas, os sacrifícios, a extensão das ruínas, a transformação política, económica e social da Europa seguirá o seu curso. «E havemos de não ter então o cérebro óco, o sentimento vário, as mãos vazias.»

Quanto aos destinos de Portugal, é preciso ter fé «na lealdade própria e alheia, na ordem, no trabalho na serenidade e seriedade com que havemos de encarar os problemas e acudir às dificuldades. É mais que na força das armas, confie-mos na coesão firme da unidade nacional, no profundo e vivo amor à terra portuguesa, nos altos exemplos da nossa história e ideais da nossa civilização que as armas não matam e o fogo não pode destruir.»

Assim falou o Chefe da Revolução Nacional. Se alguém tinha receios, deite-os para longe e confie em Salazar.

J. M.

### Estudos sobre a data do nascimento de Colombo

Até agora ignorava-se a data precisa do nascimento de Cristóvão Colombo, a qual costumava ser fixada entre os anos de 1430 e 1457. Havia, portanto, uma diferença de quase 30 anos entre estas duas datas hipotéticas. Segundo escreve o «Nya Dagligt Allehanda», o prof. Hennig, num livro recentemente

publicado em Bremen com o título «Columbus und seine Tat» (Colombo e a sua obra) assevera que conseguiu descobrir a data do nascimento daquele navegador, baseando-se, para tanto, em documentos encontrados em Génova. De dois julgamentos realizados em 1470 e 1479 e nos quais Colombo se apresentou como testemunha, depreende-se claramente que ele deve ter

### Professor Dr. Bissaia Barreto

Em serviço profissional esteve nesta vila, na passada semana, o sr. Professor dr. Bissaia Barreto, ilustre e distinto catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra.

### Major Neutel Simões de Abreu

A Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, vai levar a efeito, no próximo dia 7 de Junho, na Sociedade de Geografia, uma sessão de homenagem ao sr. Major Neutel Simões de Abreu, um dos maiores valores militares contemporâneos.

Associamo-nos com o melhor agrado à justa homenagem que se vai prestar ao herói da nossa terra e fazemos sinceros votos que o seu estado de saúde permita que possa assistir a tão merecida homenagem.

### Casa do Distrito de Leiria

Na Casa do Distrito de Leiria, realiza hoje, pelas 21,30 horas uma conferência, sobre as cinco vilas, o sr. dr. Alberto Rego.

A seguir exhibir-se-á o orfeão de Chão de Couce e o Rancho Infantil de Alvaiázere.

É uma festa de arte, que além das autoridades oficiais assistirão muitos indivíduos desta região.

### Falta de milho

Tendo-se esboçado a falta de milho, num dos últimos mercados desta vila, o presidente da nossa Câmara imediatamente providenciou no sentido de não faltar este importante cereal, base de alimentação do povo desta região.

A manhã domingo, haverá milho colonial e da região em abundância, que será vendido em alguns estabelecimentos comerciais desta vila.

Pode o povo estar descansado que o milho, por enquanto, não falta.

E não falta, dadas as providências que tomou o presidente da nossa Câmara.

### Cinema do S. P. N.

É no dia 31 do corrente mês de Maio, que a pedido da Direcção da Casa do Povo, vem a esta vila dar uma sessão de cinema o Secretariado da Propaganda Nacional. É de esperar, pois, um belo programa, à maneira dos anos anteriores.

nascido em Setembro ou princípios de Outubro de 1451, em Génova. Colombo faleceu, portanto, apenas com 54 anos de idade.

## O ESTATUTO MISSIONÁRIO

**P**ODE justamente classificar-se como um acontecimento de mais alta importância, a recente publicação do Estatuto Missionário.

Pela letra do importante diploma, assegura-se à Igreja Católica no Ultramar a personalidade jurídica e também o livre exercício da sua autoridade. Mas, não se fica por aqui, porque ao dar-se às missões todos os meios necessários para exercer o seu apostolado, determina-se também, taxativamente, que todo o pessoal missionário seja de nacionalidade portuguesa, só podendo haver estrangeiros autorizados pelo Estatuto que, a todos exigia o pleno reconhecimento das nossas leis.

Quer dizer, completou-se agora, e da maneira mais perfeita que era possível a Concordata e o Acô do Missionário com a Santa Sé, assinados no passado ano.

Acertadamente pois, escrevia há pouco o «Diário da Manhã» ao comentar em editorial o importante diploma:

«Mandava a justiça, a verdade e o bom senso que o Estado Novo tomasse o caminho lógico, indicado pelos factos, pelos princípios e pelo interesse nacional, e fôsse resolutamente até ao fim das reacções e reformas que vinham de trás. Nem podia mesmo proceder de outra forma, à face dos imperativos da sua ética política e do seu conceito de Civilização. — «A universalidade de ideia e de acção (escreveu Salazar) no curso da evolução católica e europeia, dirigida à elevação material e moral da espécie, eis a característica da nossa Pátria.»

Quere isto dizer que, nascidos e formados como Nação, no seio da Civilização cristã e europeia, a esta devemos a nossa unidade espiritual e moral, que importa defender e fortificar pelos meios adequados e mais eficazes. Com este elevado propósito, entrará em vigor e será executado o novo Estatuto Missionário.

Está aqui efectivamente a boa doutrina.

O Estatuto missionário veio ser mais uma grande afirmação do nosso génio missionário, da nossa vocação apostólica e Civilizadora.

Tivemos sempre uma grande missão a desempenhar no Mundo. E se por vezes parecemos esquecidos dela, nem por isso nunca expulsamos de nós, daquela parte que sempre constituiu a verdadeira Nação, a obrigação e o direito a que estávamos presos.

Servir a Deus servindo a Pátria, foi sempre um grande, um admirável ideal de vida dos portugueses de todos os tempos, até mesmo naqueles tempos em que o ódio a Deus e à sua Igreja tantas vezes se confundiu com o ódio à própria Pátria, na grandeza sacrossanta das suas crenças, da sua Fé e da sua tradição.

### Importação de produtos nacionais

Refutando afirmações produzidas pelo «Financial News» fez publicar o Conselho Técnico Corporativo do Comércio e Indústria uma nota officiosa na qual se declarava — contra o que fôra afirmado — que os produtos coloniais, importados pela metrópole, o têm sido em quantidades apenas suficientes ao consumo interno, o que está, de resto, em pleno acôrdo com a política definida pelo Governo desde a pri-

### Intendente da Pecuária de Leiria

Em serviço de profilaxia da tuberculose nos bovinos leiteiros, esteve entre nós o ex.º sr. dr. António Simões, digníssimo Médico Veterinário e Intendente da Pecuária de Leiria. Os nossos melhores cumprimentos.

meira hora da guerra — de não fazer negócio à custa das desventuras alheias e à sombra da inevitável confusão do momento presente.

O S. P. N. e as Pousadas Regionais

Tem-se dito e redito que um dos principais problemas do turismo é o dos hotéis. Não basta, porém, enunciar o problema; há que procurar resolvê-lo. Tem sido essa a preocupação do S. P. N., desde que para ela transitaram os serviços do turismo. Assim, vem-se procedendo, com regularidade, à visita dos hotéis por brigadas técnicas. Arranjou-se, em Obidos, a graciosa Estalagem do L'ador, modelo de bom gosto. E está-se dotando o país com numerosas pensadas, hotéis-minuturais que, pelas suas características, se integram no espírito da paisagem. É que Portugal, sendo um país de dois palmos e de mil belezas naturais, não comporta, de uma maneira geral, os grandes hotéis. «Palácios» monstruosos com centenas de quartos que ficariam, na maior parte das vezes, desabitados. Há, sim, que o povoar, de lés a lés, de pequenos edifícios acolhedores, onde os forasteiros encontrem alojamento e comida. Assim o entendendo, o Ministério das Obras Públicas acrescenta mais uma obra valiosa à sua actividade notável, ao dotar o país de esplêndidas pousadas regionais, construídas em obediência ao programa do Duplo Centenário. Um diploma agora publicado dispõe que esses edifícios sejam entregues ao S. P. N. e fixa o seu regime de exploração, adjudicada em concurso público ou limitado ou por ajuste directo em regime de concessão temporária, de acordo com as bases estabelecidas por aquêle organismo.

Portugal vai ter assim, em breve, o seu mapa turístico assinalado com as bandeirinhas festivas das suas pousadas.

«Gazeta do Sul»

Mais um semanário regionalista «Gazeta do Sul» que se publica em Montijo sob a proficiente direcção de Alves Gago, chegou até nós. Devemos dizer que é um jornal de belisimo aspecto gráfico, de optima colaboração e de uma variedade que surpreende. E' nos muito o prazer de a nossa permuta.

Um novo aparelho para água quente

O jornal «Frankfurter Zeitung» descreve um novo aparelho de aquecer água inventado recentemente por uma firma alemã, aparelho este que é de grande utilidade para uso nos laboratórios, para médicos, sanatórios, etc. Trata-se de um pequeno aparelho eléctrico de características muito especiais, destacando-se sobretudo a sua propriedade de aquecer a água imediatamente ou mesmo quasi que repentinamente.

Falecimentos

Faleceu nesta vila, no próximo passado dia 10 do corrente, com 70 anos de idade, o sr. Adelino Francisco, antigo sacristão.

Era pai do nosso amigo sr. João Francisco Mendes, que se encontra na Guiné Portuguesa, como auxiliar da Missão de Bula.

A Família enlutada e especialmente a este nosso amigo «A Regeneração» apresenta o seu cartão de pêsames.

Também faleceu há dias em Chimpelas, freguesia de Aguda, deste concelho o sr. José Lopes de Assunção.

A família do finado os nossos pêsames.



Maria Luisa Simões Rêgo Paiva de Carvalho

Distinta quartanista de medicina, em Coimbra, que até aqui, no seu curso, tem conseguido a média de 18 valores. As nossas homenagens.

ROMARIAS

Na capela do Senhor Jesus da Sobreira, subúrbios desta vila, realizou-se no dia 22, Quinta-feira da Ascensão, a costumada festa que à maneira dos anos anteriores, foi muito concorrida. O sitio é agradável e ali se reuniram muitos forasteiros que de diversos lados, vieram não só cumprir as promessas da sua devoção, mas também saborear, à sombra dos pinheiros que envolvem o local, os seus suculentos farnéis.

Para a mocidade desta vila foi um dia de regosijo, como em todos os anos, pois o passeio é alegre e pouco extenso.

No dia 1 do próximo mês de Junho, realizar-se-á também o tradicional festejo em honra de Nossa Senhora da Madre de Deus, cuja capelinha fica situada num dos sitios mais interessantes desta vila.

De lá se descortina vasto e belo horizonte, circunstância esta que aliada aos sentimentos religiosos do nosso povo, contribui bastante para que a afluência seja regular.

Apesar do tempo estar um pouco duvidoso é de crer que seja muito concorrida, pois a Comissão encarregada de organizar a festa já se mexe com grande actividade.

Com o luzimento dos anos anteriores, está realizando-se na Igreja paroquial desta vila, desde o principio deste mês, a festividade do mês de Maria, que tem sido muito concorrida. Como é costume, a festa do fim do Mês realiza-se amanhã por ser o último domingo de Maio.

«A Mocidade Portuguesa é Revolucionária»

Foram agora encerrados os trabalhos do 3.º curso de graduados da Mocidade Portuguesa e na cerimónia da imposição das insígnias aos novos comandantes de castelo, que acabavam de ouvir a missa celebrada pelo franciscano frei José de Montalverne, teve ocasião o Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa de definir doutrina no que diz respeito à orientação e formação de dirigentes da Organização.

Afirmou o professor Marcelo Castano: «A Mocidade Portuguesa

A opinião pública da Nação

«Nunca devem os governos escravizar-se à opinião pública das multidões—opinião sempre inferior e muito diferente da opinião pública da Nação.» Assim o afirmou Salazar num dos seus discursos; e assim, segundo a nossa Constituição, se deu à opinião pública do País o devido lugar de respeito, já nesse diploma fundamental, já na função da Imprensa e de todos os meios com os quais se informa a verdadeira opinião pública.

E como é que os governos possuem essa opinião, se «mesmo que ilimitados em seu poder, dela não prescindem», como disse também Salazar?

Possuem-na, agindo só com verdade e falando-lhe só e sempre verdade: — a verdade própria de governos nacionais — ou seja dos que, em doutrina e acção, apenas se norteia pelo interesse nacional.

Eis o que mais uma vez se nos pantentou, na última *acta officiosa* do Presidente do Conselho, acerca da soberania portuguesa nos Açores e Cabo Verde. Por amor e respeito da opinião pública da Nação, única opinião que conta justamente nas esferas do Poder, e que o Governo da Revolução Nacional formou e defende — falou o Chefe e falou verdade, como direito que assiste à mesma opinião.

Esta saberá considerar a distinção, principio da doutrina da Revolução Nacional, e corresponder a ela com a mais absoluta confiança no Estado Novo e nos seus Chefes.

é revolucionária. Mas a sua revolução não é a desordem, a ruína e o luto: queremos dar combate ao egoísmo, à injustiça e à mentira; queremos, pela transformação dos nossos próprios hábitos, pela correção do nosso caracter, pelo esclarecimento da nossa inteligência, conquistar maior justiça na vida social. Sabemos que o ódio não resolve nenhum problema. Sabemos que a catástrofe nunca sarou nemha doença. Sabemos que a nossa vontade pode triunfar de muitos males—embora a maldade humana pareça invencível.

Tal é a Revolução da Mocidade Portuguesa. Tal é a Revolução Nacional.

Junto ao Mondêgo Pagamento de assinaturas

Sobre o fino e plano leito rola silenciosamente a azuada água do Mondêgo.

Os choupos esguios e alfaneiros debruçam-se sobre a preguiçosa corrente que mansamente passa sob a sua verde e baleira, ou erguem-se a dominar o espaço anunciando à antiga e académica cidade o seu eterno amigo, ora rasgando através da branca areia como prateada serpente ora deslizando fozoso como velho leão!

Puro e límpido brota da alta e nivea Serra da Estrela, centro de Portugal onde pulsa o forte coração lusitano e sobre cujas faldas, Viriato hercicamente lutou. D'onde ao tocar a socegada e modesta Penacova, entra na líbia e buliçosa cidade dos doutores, e saudosamente a deixa, para muito a custo se arrastar vagaroso até ao mar, depois de saídar a mais Figueira portuguesa que, para atestar o seu terminus, se chama da Foz.

A nova Coimbra, espreguiçando-se por verdes colinas aqui se recostou um dia para sempre, a mirar-se na cristalina água a banhar-se na densa névoa, que nas manhãs de Primavera se desprende e se ergue a envolver tólia a cidade para finalmente se perder no azul do espaço.

Alguem assentado sobre a raiz dum velho salgueiro, olhando a água que mui baixinho parece murmurar, lavado pela lembrança, desprende-se da idade da saudade, para viver a mocidade, jardim de recordações, campo de esperanças e mundo de sonhos!

A cabeça, de que sobressai a brancura dos cabelos tentando velar a refulgente calvice, decai sobre a mão direita magra e enrugada. Os olhos negros mas brilhantes num rosto encarquilhado e alvacento de nivea barba, fixos ali no rio, quedaram-se absortos enquanto os lábios, descorados ja pela velhice e encimados por um grisalho e fino bigode se colaram mudos e impassivos. O fato era preto, a gravata de luto sobre a camisa branca e engomada. As pernas pendentes da rugosa rai quasi tocavam com os pálidos sapatos a água que ali passava sem nada se comover.

Eram quatro horas da tarde lá longe, no Parque, a banda regimental, calara-se. Domingo de Maio em que os jardins engalanados de flores rescendem a quem junto passeia ou se deixa a repousar!

Sobre a cidade reflecte-se o Sol. Aquêlê homem velho e simpático, sósinho e concentrado, sob o verde e copado salgueiro, contempla a silenciosa e fria água, em tudo semelhante aquêla que há quarenta anos ali tantas vezes vira passar.

Na sua imaginação, o presente encobriu-se. O passado surge nítido vivo. Tinha vinte anos. Era caloiro de Direito. Depois de se haver livre lá do Liceu, viera aqui cursar leis. Sonhara que havia de ser doutor. A Coimbra recorreu. Enfiado na comprida batina e embuçado na negra capa era um rapaz alegre e decidido... Muito estudara. Mas... que tardes sempre lembradas, que noites sempre revividas, que passeios jámais repetidos, resumindo, que recordações tão sentidas!... No coração de rapaz havia esperança e entusiasmo e na alma de jovem, virilidade e alegria.

A Alta constituída apenas de estudantes respirava regosijo e franqueza, amizade e sacrificio (pois muitos dias levavamos e algumas noites passávamos debruçados à frouxa luz do candieiro, sobre as velhas sebtentas.)

Foram pagas na nossa recadação as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- Cipriano Simões Prior, Fundação Fundeiro
- José Rodrigues Júnior, Lourenço Marques
- António Mendes Júnior, Atalaia Cimeira.
- D. Eduarda Augusta Maria Fonseca de Abreu Vilas de Pedro
- Gaudêncio Jorge, Muninhos Cimeiros
- Abílio Lopes, Muninhos Fundeiros
- Manuel Simões Bornas Júnior, Vilas de Pedro
- Padre Manuel Luiz, Campelo
- António Rocha, Ribeira de Alge
- José da Silva Coelho Júnior, Aldeia da Cruz

Alvaro Amorim Pinto Advogado

Castanheira de Pêra

Em PEDRÓGÃO GRANDE: tôdas as segundas-feiras até ao meio dia

Oh estimáveis virtudes da mocidade pura e sal...

Longorosas guitarradas e sentidos fados, saltavamos nas luarentas noites, enaltecendo o amor ou invocando a saudade; (Quinta dos Amores, Penedo da Saudade)!... Em todos animados.

O mesmo sentimento, camaradagem, levados pela mesma idea, trabalho, reinava uma franca e solidária amizade cujas raizes a ventania dos invernos e a procela dos anos jámais conseguiram destruir. Tantas vezes me debrucei para o Mondêgo. Em horas de tristeza e dias de desânimo só êle me confortava com a sua linguagem natural e profunda, simples e grandiosa. Sob um choupo ou por trás dum canalhão tanto estudei e algumas coisas sonhei... Ao acordar, o rouxinol por cima cantava à porfia como em noite primaveril!... Um dia deixei Coimbra. Empunhando o meu desejado diploma lanço-me na vida ardua, chamada prática.

Os anos vieram e o tempo passou.

Volto a Coimbra. Porém, já não é a mesma de outrora.

Coimbra cresceu e desenvolveu-se o Penêdo da Saudade que era simples e rústico, revestiu-se de gala, tornou-se moderno. O Penêdo da Meditação, o antigo monte da solidão, fez-se hospitaleiro, transformou-se num canteiro do homem.

A universidade, cuja torre eu tantas vezes vi dominada pelo velho estandarte azul e branco, augmentou, perdeu o seu sombrio jardim. Só tu, Mondêgo és o mesmo do meu tempo, aquêlê quem dedicavamos nossos versos contávamos nossos amores, aquêlê que nos compreendia e único que hoje nos conhece.

Das faces, duas lágrimas rolaram na água, caíram e para o mar se lançaram... O sonho terminara. Ouve-se o rouxinol. O sol desapareceu!

Fernandes Neves

**Joaquim J. Fernandes**

Medico Municipal

Clinica geral  
Doenças das crianças  
Figueiró dos Vinhos

**J Rodrigues de Oliveira**

Médico da Casa do Povo  
Doenças de Pulmões — Partos  
Clinica Geral  
— Consultório e residência: —  
Praça José Malhoa.

**João Leal da Silva Tendeiro**

Médico Veterinário Municipal  
Clinica Geral  
Operações e Vacinações  
Figueiró dos Vinhos

**CONSULTORIO DENTARIO**

**A. MARTINS NUNES**

DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

**PEDRA**

Vende-se qualquer quantidade para obra, e em grande parte já aparelhada para esquinhas, portas e janelas.

Jerónimo R. Pinhão

**NO BARREIRO**

Vende-se a casa de habitação de Albino dos Santos, que consta de 1.º e 2.º andares, adega, quintal com árvores de fruto, vinhas e água; officina mecânica anexa com todas as ferramentas e mais pertences, que se vende em separado ou em conjunto com o prédio. Quem pretender pode dirigir-se à sua proprietária

Elvira Simões dos Santos

Figueiró dos Vinhos

**GÊLO**

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

2.ª Publicação

Faz-se saber que no dia 5 de Junho próximo, pelas doze horas á porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão á primeira praça para serem arrematados por qualquer preço oferecido além do indicado, os imoveis abaixo referidos e penhorados a José Joaquim dos Santos e mulher Maximina de Jesus Santos na execução de sentença que lhes move Manuel Alves, comerciante, todos residentes em Lisboa, e e que corre seus termos pela 7.ª Vara desta cidade-sua terceira secção, a saber:

1.º — Uma casa de habitação de sobrados e lojas, com curral e logradouro, na Eira, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.248, e inscrita na matriz predial sob o artigo 314. Vai á praça no valor de 6 280\$00

2.º — Uma terra de sementeira, sita Além da Boiça, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.249 e inscrita na matriz sob o artigo 15.409. Vai á praça no valor de 88\$00

3.º — Uma sorte de terra de seca, na Vinha, limite do Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.250 e inscrita na matriz predial sob o artigo 1.115. Vai á praça no valor de 35\$20

4.º — Uma sorte de mato e oliveiras, na Vinha, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.251 e inscrita na matriz predial sob o artigo 1.122. Vai á praça no valor de 246\$40

5.º — Uma sorte de terra de seca, no Pézinho, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.252 e inscrita na matriz predial sob o artigo 1.128. Vai á praça no valor de 74\$80

6.º — Uma sorte de pinheiros, aos Castanheiros do Cavado, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.253 e inscrita na matriz predial sob o artigo 996. Vai á praça no valor de 259\$60

7.º — Uma sorte de mato com um castanheiro e uma cerejeira, ao Castanheiro do Esporão, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.254 e inscrita na matriz predial sob o artigo 863. Vai á praça no valor de 349\$60

8.º — Uma sorte de terra de sementeira de rega, no Lameiro, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.255 e inscrita na matriz predial sob os artigos 908 e 15.407. Vai á praça no valor de 246\$40

9.º — Uma sorte de mato com oliveiras, á Sobreira, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.256 e inscrita na matriz predial sob os artigos 893 e 242. Vai á praça no valor de 92\$40

10.º — Uma sorte de mato com uma oliveira e castanheiros, á Lombinha, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 20.257 e inscrita na matriz predial sob o artigo 875. Vai á praça no valor de 123\$20

11.º — Uma cerca de terra com castanheiros e oliveiras, na Tapadinha, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo

**CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS**

**BOLO-LISBOA**

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da**

Sede — **FIGUEIRÓ DOS VINHOS** — Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Não se efectua aos Domingos

Não se efectua ás segundas feiras

**Carreira entre Bolo e Coentral**

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectuam-se ás sextas-feiras

Efectuam-se ás quintas-feiras

Garage em Lisboa: **AUTO-LYZ** — R. da Palma — Tel. 21363

Predial sob o numero 20.258 e inscrita na matriz predial sob o artigo 1.042. Vai á praça no valor de 365\$20

12.º — Uma sorte de terra de seca com oliveiras sita á Cavada, limite de Peralcovo descrita na Conservatória do Registo Predial sob o numero 20.259 e inscrita na matriz predial sob o artigo 1.028. Vai á praça no valor de 48\$40

13.º — Uma sorte de terra com sobreiros, ao Marco da Seladlnha limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o numero 20.260 e inscrita na matriz predial sob os artigos 1.166 e 1.168. Vai á praça no valor de 3.586\$00

14.º — Uma sorte de mato na Ladeira, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o numero 20.261 e inscrita na matriz predial sob o artigo 816. Vai á praça no valor de 83\$60

15.º — Um terreno onde esteve um currau, sito á Lombinha, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o numero 20.263 e inscrita na matriz predial sob o artigo 881. Vai á praça no valor de 20\$00

16.º — Metade de uma sorte de terra de sementeira de rega, sita ás Bouças, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o numero 20.264 e inscrito na matriz predial sob o artigo 15.409. Vai á praça no valor de 200\$00

17.º — Metade de uma sorte de terra de sementeira de rega, sita á Courela, limite de Peralcovo, descrita na Conservatória do Registo Predial, sob o n.º 20.265 e inscrito na matriz predial sob o art.º 15.407. Vai á praça no valor de 286\$00

Figueiró dos Vinhos, 28 de Abril de 1941.

O Chefe da 2.ª Secção  
Joaquim José da Conceição Júnior  
Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito  
Themudo Machado  
Journal «A Regeneração» n.º 533 24 de Maio de 1941

**Serviço permanente**

EM

**Automóvel de aluguer**

Telefone 6

**Alfredo David Campos**

Café Central

Figueiró dos Vinhos

O Chefe da 2.ª Secção  
Joaquim José da Conceição Júnior

Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito  
Themudo Machado

Journal «A Regeneração» n.º 533 24 de Maio de 1941

**EMPRESA DE CAMIONAGEM**

**A. J. ALVES & C.ª**

**Maças de D. Maria**

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

**Pontão - Pombal**

às Terças, Quintas e Domingos

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

**Cabaços - Coimbra**

DIARIA — (excepto aos Domingos)

	Chegada	Partida
Cabaços	—	6,45
Alvaiázere	7,00	7,05
Pontão	7,50	8,00
Coimbra	9,30	16,30
Pontão	18,00	18,10
Alvaiázere	18,55	19,05
Cabaços	19,20	—

(Não se efectua nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval).

A carreira **Cabaços-Coimbra**, de 16 de Maio a 30 de Setembro, sai de Coimbra meia hora mais tarde. 24-17

**Banco Espírito Santo**

e Commercial de Lisboa

SEDE — **LISBOA**

Filiais — Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências — Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e

**Figueiró dos Vinhos**

Todas as operações bancárias

**Anúncio**

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

(2.ª Publicação)

Faz-se saber que por este Juízo e sua 2.ª secção, correm editos de vinte dias, contados da segunda e ultima publicação do respectivo anuncio, citando quaisquer credores desconhecidos para no prazo de dez dias, findos os dos editos, virem á execução hipotecária que José Henriques Morgado, proprietário das Sazedas do Vasco, move a Manuel Coelho Bartolo e suas fitnas Maria do Socorro Bartolo e América Henriques Bartolo, residentes em Vila Facaia, todos desta comarca, deduzir os seus direitos, como determina os artigos oitocentos sessenta quatro e oitocentos sessenta cinco do Código do Processo Civil.

Figueiró dos Vinhos 28 de Abril de 1941.

O Chefe da 2.ª Secção  
Joaquim José da Conceição Júnior

Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito  
Themudo Machado

Journal «A Regeneração» n.º 533 24 de Maio de 1941

## Partiu, sem dizer adeus a ninguém

por Maria Eduarda Lemos

Já apareciam no céu as primeiras estrelas. O ti Bernardo do Brites, que desde manhãzinha cavava na Lavandeira do sr. Antunes, um dos campos que trazia de renda, pôs a enxada ao ombro, e tomou pela «quingosta», a caminho de casa.

Na escuridão da cozinha, brilhava apenas a fogueira de ramos verdes de pinheiro. O fumo, que a inundava, saía pela porta e por entre a telha vã. A um canto da lareira, embrulhada em cobertas de farrapos, cheias de cinza, estava a mulher, deitada sobre uma esteira. Fôra mais um filho que nascera. Os outros, todos pequenos ainda, aninhados nas tábuas meio soltas do soalho, choravam de fome e de sono. Mal o pai chegou, a mãe, sentando-se na esteira e pousando a criança num cesto que servia de berço, ch mou pela velhita:

— O Micas, chega-nos as tigelas, por môr de tirar o caldo pró pai e pra essas crianças.

E, voltando-se para o homem:

— Acende a candeia, home, acende a candeia.

Ele acendeu e, sem dizer palavra, deixou-se cair num banco, junto à mesa, e para ali se ficou a cismar. «Mais um filho. Mais um filho. São seis agora. Seis! Que volta hei de eu dar à minha vida? A perca da vaca... Cada vez mais empenhado... Nem pra pagar os juros eu ajeto... E pra mais vem aí o inverno, e ó depois num há dias... Isto... isto...»

— Coma o caldo, home, coma o caldo e deixa-te de cunsidarar— disse a mulher, adivinhando-lhe os pensamentos. — Que se l'há de fazer? Deus quer assim... A vontade de Deus seja feita.

— Sabes que mais, mulher? Sabes que mais? Ráis pará esta vida mais quem...

E, batendo com o punho cerrado na mesa, saiu pela porta fora, desvairado. Nem deu pela ti Custódia, uma das «parteirosas» da aldeia, que vinha a chegar para lavar a criança.

O ti Bernardo do Brites chegou à taberna e pediu vinho. Bebeu, bebeu.

Junto ao balcão, sentado sobre uns caixotes quatro camponeses jogavam as cartas e b'ham «meios».

O Pereira, o taberneiro, que acabara de ler «O Comércio do Porto», saiu-se com uma das suas fanfarrônicas:

— Oh, rapazes! Se a Inglaterra vencer, dou vinho e vitela a quem quiser!

— Is o lá o vinhito e a vit la— respondeu um dos camponeses— pra bô ora, q'anté do mais (1) cá prá gente tanto monta que vençam uns como outros. Conquanto que num nos venham cá desinquietar nem carregar mais subl'a gente... tanto monta.

E todos eles beberam mais e mandaram assentar no livro. Depois, iam saindo, um agora, outro logo, cambaleando, estrada fora.

Ao outro dia, logo pela manhã, a mulher do ti Bernardo começou a lidar na cozinha. Não havia remédio senão tratar da vida. Três dias de cama já chegavam. Porém, de quando em quando, as pernas fraquejavam, subia por si acima um calor, um calor, e se não se sentasse, caíria sem sentidos. O homem levantou-se também, mas, em vez de ir para o trabalho, como de costume, sentou-se à fogueira e pôs-se a falar, sempre com os olhos cravados no lume:

— Temos de terear (2) a nossa vida, mulher. Isto assim num leva rumo. Dívidas, só dívidas. Pagamos a renda e ficamos a olhar prás mãos! A perca da vaca... É o inverno à porta... Alembra-me ir...

— Pra onde, home?! — atalhou logo a mulher, deixando cair a vassoura de palha e olhando de frente para ele.

— Pró Brasil, ¿ pois pra onde havia de ser? O Manuel da Rita, o Chico da ti Francisca e o Joaquim das Vales andam a ajetar para ir.

— Ai, home, a nossa vida está muito atrapalha, dinha está. Mas, ¿ práqui me deixas c' estes meninos todos? home? Práqui me deixas?

E atirou-se para a esteira, a chorar como uma perdida.

— Está calada, mulher, está calada. Pode ser a nossa sorte, mulher. Pode-se algum dinheiro emprestado subl'a casa, e vende-se o teu cordão e os brincos, pr'ajuda.

Chegou a manhã da partida. Sem que o vissem, o ti Bernardo levou a saca para o alpendre e escon-

## História pequenina

— Quentes e boas! Quentes e boas. Pé aqui, pé além. Pregão sempre saído da boca para todos os ouvidos do mundo.

Correia de fardo atirada a tiracolo, e derreando-lhe o ombro em jeito de aleijão velho. Mãos abandonadas sobre o cesto das castanhas. Corpo sempre estoirado de cansaço. E olhos de gaiato, postos em tóda, ou só naquella em que o cheiro de comprador, notava.

E gritando:

— Quentes e boas!

Quentes e boas—pregão de todos os dias. Pregão de música velha e sedição. De música velha como tudo, estafada como tudo...

Com ela, o embalam logo em menino.

Com ela, o seu destino mudou. O corpo lhe ficou pequeno. Os ouvidos grandes, de rasos.

Com ela, a vida que tinha nasceu.

Oh, o pai bem a amaldçoara com tódas as palavras feias que conhecia, essas mesmas com que insultava em horas de braveira má. A mãe ó excomungara, com os seus ódios possíveis num coração de animal passivo. E os dois, de acordo como nunca, lhe juravam um destino melhor, um outro qualquer, que estava lá no fundo dos olhos, desejado e real. Um outro que era miragem de uma vida farta e segura. De uma vida sem sobressaltos, sem fomes, tempestades ou pesadelos...

Ora: palavras e juras vãs.

Palavras e juras vãs, que os dias e as noites continuaram com os seus ritmos de sempre, com as suas horas negras de mil e um cuidados...

Quando, para a roda da desgraça, haverá raio de vida de pobre que a segura?

Raio de vida de pobre: o pão tinha que ser ganho desse lá por onde desse. O pão tinha que ser ganho, mesmo que a noite brilhasse sobre ele com o seu manto de estrelas dispersas e as ameaças das nubes. A noite, e as luzes das lampadas pondo reflexos de oiro na calçada polida e húmida de chuviscos, e assim feita espelho. A noite é o ir e vir dos passeantes, as horas de inverno correndo frias e contínuas. A noite, e os carros passando velozes em direcção ao proibido para os seus passos de vágabundo. A noite, e o seu corpo mal coberto por trajos atirados fóra, e o seu corpo ainda exigindo o pão da manhã. A noite, e o sossego quente, entrechocado no interior familiar de tódas as casas que eram casas, nessas tódas que o repouso lhe cubicava. A noite, e a melódia da cidade adormecida ressoando nos seus ouvidos, as horas de sono que não lhe eram permitidas, os seus pés descalços, as suas pernas bambas e exaustas, e exaustas mesmo para uma viagem mais que fôse. A noite, e a sua boca seca e a voz enrouquecida, os olhos doridos de tanto procurarem um gesto que lhe desse pão...

— Quentes e boas!

Rua fóra vagabundo, que a sua vida dura de roer tem de se ganhar. Vida que lhe levava o pão entre quatro tábuas, de tanto apertar o cinto e minguar a barriga; que lhe atirara a mãe, louca de todo, para um canto do casibeque, e lhe, moldara o seu destino com as castanhas que procurava vender. Vida de enfezado e já homem em anos. Vida:

— Quentes e boas! Quentes e boas.

Quando nascerá outra melhor?

Augusto dos Santos Abranches

Numa cidade americana pode-se ler, de noite, o seguinte anúncio luminoso: «esta tabuleta consome mais electricidade do que tóda a cidade.»

Este formidável reclamo luminoso está colocado sobre o magestoso edificio da Cleveland Company.

Isto tem interesse se pensarmos que o reclamo é feito para levar as pessoas a adquirirem coisas de que não necessitam. É desolador assistir a tal desperdício de energias.

Bruno de Moraes

deu-a atrás duns paus. Depois, foi ver os pequenos, que ainda estavam a dormir, e, disfarçando tanto quanto podia a sua comoção, recomendo à mulher que, enquanto se ia despedir dos vizinhos, lhe arranjasse o café para tomar antes de sair. Mas nem dos vizinhos éle se despediu partiu, sem dizer adeus a ninguém.

(1) quanto ao mais,  
(2) governar.

## Partida

*Fui um barco ancorado em lago calmo com saída para o mar, menino que nasceu obedientemente ao nono mês e teve enxoval pronto e cresceu sem um destino coma a própria essência da banalidade.*

*Mas uma noite banal vi que morava em cima dum abismo...*

*Agora do fundo do pégão galga uma corrente — corrente feita de grito vindos do buraco aberto onde há gente sofredora que se atropela nas ruas para mostrar ao mundo (enfim!) que é gente sofredora...*

*... e quando retorno a mim também me sinto arrastado pela onda revólta que vem de tóda a parte e segue o seu caminho de promessa.*

João Tendeiro

## Canção do emigrante

*Numa aldeia muito escura perdida entre serras nuas havia uma criança diferente das outras. Não sabia brincar, nem bater, nem correr. Sorria, sorria sempre e vivia feliz, aos empurrões. A criança cresceu e fez-se um humem que era o sonho de todas as raparigas. Tinha um cabelo anelado e sabia dizer versos que eram tal e qual aquilo que todos sentem. Porque seria que morreu tão longe das cachopas e da aldeia triste? Houve quem dissesse que os rapazes sem terras mesmo sabendo versos lindos vão sempre morrer nos Brasis ou nas Américas com a visão esmagadora da terra perdida e da môça a chorar na hora da partida nos olhos que já não vêm!*

João Carlos

Parece estúpido que um país sabendo ter numa outra nação um inimigo implacável contudo lhe venda matérias primas, o abasteca com tóda a sorte de máquinas e que assim arranje lenha para se queimar. Por exemplo, à primeira vista parece inconcebível que os Estados Unidos tenham alimentado a economia e a máquina de guerra japoneza tendo nos nipões concorrentes perigosos. Mas é que, como afirmou Ford, «é duro renunciar ao dólar de hoje pelo dólar problemático de amanhã», é preciso ganhar e como «mais vale um pássaro na mão que dois a voar», corre-se o risco que, aliás, para quem vende nunca é grande (a não ser vender menos).

O Sr. Myron C. Taylor representa, desde que eclodiu o conflito que actualmente assola grande parte da Europa, o Presidente Roosevelt, no Vaticano.

Bruno de Moraes